

ÉTICA NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

Carla Beatriz Rocha*
Genilce C. Souza Correia**

Verificou-se a influência do docente no ensino superior, na formação ética do aluno, demonstrada através de reflexões sobre a relação professor aluno, pelo papel político do docente na sociedade e do exemplo que este representa para os alunos. Dentre as observações feitas destaca-se, pela importância, a maneira que o docente deve proceder em sua prática pedagógica e na inter-relação com o aluno, uma vez que ele representa na sala de aula uma imagem concreta da Universidade.

Quando utilizamos em demasia certas expressões ou palavras, podemos tornar trivial o seu valor. Isso aconteceu com a palavra ética. Hoje, quando a ouvimos, nos armamos com certa insensibilidade por acreditarmos que já entendemos o seu real sentido. Porém, nunca foi tão necessário reavermos o sentido de ética. Observamos que a crise pela qual, passa a humanidade é decorrente de um desnorreamento dos valores morais e éticos. Essa afirmação pode ser ilustrada ao observarmos a violência que nos cerca, a rebeldia dos jovens, o desfacelamento da família, a propagação da corrupção, enfim, a dormência da sociedade em relação aos princípios morais.

Ao exercermos a docência no ensino superior, necessitamos de um código de ética. Essa necessidade advém do fato de que há uma inter-relação entre o docente e seus alunos, o que acarreta em um comprometimento na ação. Esta inter-relação promove a dignificação da pessoa que age, bem como dos demais, resultando em uma correta ação social. A profissão docente se dá a serviço de todos e a seu próprio benefício, desenvolvida de maneira estável em conformidade com a própria vocação e em atenção à dignidade humana.

Vasques (1995) afirma que ética é *a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade*. Então, a ética pode ser um conjunto de regras, princípios ou maneiras de

* Especialista em Docência do Ensino Superior e em Educação Matemática, graduada em Matemática, licenciatura. Professora de ensino médio no Colégio de Aplicação Mater Dei.

** Especialista em Docência do Ensino Superior, graduada em Física e Matemática, Licenciatura. Professora no ensino superior do Instituto Superior de Educação Ibituruna, e do ensino médio nos colégios Tiradentes da Polícia Militar e Colégio de aplicação Mater Dei

pensar que guiam a sociedade. A postura ética emerge da percepção de um fenômeno que ocorre dentro de cada um de nós. Portanto, a função da ética é levar a sociedade a reagir, resgatando os valores morais básicos para orientação de seu comportamento e, assim, empreender um caminho de reconstrução para uma vida melhor. E qual seria o papel do professor universitário, enquanto formador de profissionais, no resgate dos valores éticos? Primeiramente, o docente deve perceber que não se valoriza o que não se conhece. O professor universitário, antes de tudo, deve se debruçar sobre os estudos desenvolvidos pela humanidade referentes ao tema. E comprometendo-se, pelo conhecimento de ética, a repassar aos seus alunos e ilustrar com seu próprio exemplo, atitudes de conformidade com os princípios gerais de moral e ética. Assim surgem bons professores, suas aulas tornam-se interdisciplinares, estimulam a criticidade, buscam integrar ensino e pesquisa, transmitem o conhecimento científico de modo muito pessoal, didático e coerente com sua conduta.

Para isso, o perfil do professor universitário não deve se restringir a apenas deter conhecimentos técnicos referentes à sua disciplina, pois ele, a todo momento, é tido como referencial de conduta para os seus discípulos. Portanto, é de fundamental importância que o docente se perceba como agente transformador, para poder, de forma consciente, intervir na formação dos alunos sob sua responsabilidade. É preocupante vermos alguns professores universitários com um discurso para a sala de aula e outro para a sua vida-extra classe. Essa postura contraditória desnorteia os alunos e sendo eles o futuro fundamento da sociedade, esta se vê, repetidamente, sem a claridade fornecida pelos firmes princípios éticos de conduta.

A grande e infeliz verdade é que o professor já não se considera responsável pela moral de seus alunos. Principalmente no Ensino Superior, eles chegam cidadãos com caráter e personalidade praticamente acabados. São “filhos” da televisão, da liberação de costumes, da permissividade das mães que abdicaram das tarefas domésticas e não encontraram quem as substituísse; de pais assustados com o avanço do feminismo. Alguém deve ter coragem de dizer a esses jovens em que acreditar, redescobrir a singeleza das coisas essenciais, o valor da família, da solidariedade, da lealdade, a finitude da vida e a sua celeridade, o destino de transcendência da humanidade, o compromisso do contínuo aperfeiçoamento na breve aventura terrestre. Ainda é tempo do

professor resgatar as qualidades de uma carreira que já teve concretamente reconhecida a sua nobreza na hierarquia das profissões liberais. Basta aceitar que sua missão envolve mais do que possibilitar o conhecimento técnico. Para isso, é necessário que o professor tenha características ligadas ao domínio afetivo, amando o ofício de ensinar. Alguns professores se tornam tão importantes para algumas pessoas que acabam por marcar suas vidas de maneira indelével. É impressionante constatar a força da palavra do professor sobre a formação do educando. Do autêntico mestre se aguarda que transmita lições e prática do respeito, da moral, da amizade, da tolerância e da compreensão. Para desincumbir-se de um compromisso de tamanha abrangência, não basta conhecer ética. Antes, é preciso acreditar na ética e viver eticamente.

As faculdades, em geral, não estão educando para a vida, transmitem um conhecimento sem nenhuma associação com a realidade, e assim o aluno não extrai proveito para sua subsistência. A Universidade, a Reitoria, a Direção constituem realidades abstratas para o aluno. A pessoa que, concretamente, ocupa o seu dia-a-dia é o professor. Este não pode deixar de se incumbir da responsabilidade de alertar o educando de todos os desafios que encontrará a partir da conclusão do curso. A relação que se estabelece entre professor e o aluno, é pessoal, palpável e duradoura. Conforme análise feita pela comissão Jacques Delors no relatório para a UNESCO (2000), vemos a importância dessa cordial relação:

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo; passar do papel de solista ao de acompanhante, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida.

É sabido que nem sempre a situação de convívio do professor com seus alunos é a ideal. É Nalini (1999) que afirma: *os docentes têm um grande número de alunos, e um tempo muito reduzido para lidar com eles. Isso os impede de realizar um trabalho com maior proximidade com seus discípulos.* Contudo, esses profissionais, conscientes de sua capacidade de intervenção, não podem abater-se diante dos empecilhos colocados pela universidade e pelo sistema como um todo. Antes, deve fomentar em seus discípulos a gana por uma sociedade mais justa, mais humana. Esse propósito só será possível, se o

docente permitir um canal de contato efetivo com o alunado. Tal caminho passa pela relação professor / aluno, que é sempre fecunda quando existe entre eles cordialidade, estima, respeito às diferenças e quando contribui para um constante debate sobre atitudes virtuosas, fomentando o surgimento dos princípios éticos nos discípulos. Veiga (et.al. 2002), em Pedagogia Universitária, defende a idéia de que

A relação aluno-docente, se dialógica, pode ser uma alavanca na produção do conhecimento e aposta na convivência acadêmica entre os alunos da graduação e pós-graduação como um ponto facilitador no contato com a pesquisa, na troca de experiências e na abertura de perspectiva mútua. Se, por um lado, valoriza os conteúdos da área, entende como fundamentais as atitudes de respeito ao aluno, enfatizando as formas significativas de mediações interpessoais.

O docente adquire estas atitudes com exercício constante, com a tentativa diária de acertar. Assim, caminha entre acertos e erros sempre adiante, tecendo uma relação de confiança entre mestre e aluno. Essa ligação permitirá verificar, a cada situação, o que os alunos estão precisando, quais são os valores que ainda carecem conhecer e exercitar. Então, juntamente com o saber científico, o docente acena para os alunos o saber moral e ético que lhes possibilitará tornarem-se profissionais respeitados e de conduta impecável.

Muitas vezes o docente se confunde em práticas de “fazer o bem” com “fazer bem”, isso pode criar uma imagem do docente como um professor bonzinho. Que fique claro: o saber fazer bem (a competência) do docente não implica que ele seja um educador permissivo. É possível manter um grau de relacionamento promissor com o aluno sem, contudo, deixar fenecer o limite que deve haver nessa relação.

Rios (1997) argumenta que

A qualidade da educação tem sido constantemente prejudicada por educadores preocupados em fazer o bem, sem questionar criticamente sua ação. Ou pela consideração da prática educativa apenas na dimensão moral, ou na visão equivocada de um compromisso que se sustenta na afetividade, na espontaneidade. Isso precisa ser negado, quando procuramos uma consistência para o desempenho do papel do educador na contribuição que dá a construção da sociedade.

Lima (2002), em Pedagogia Universitária, acredita que

O projeto de uma aula não é apenas uma manifestação do pensar a ação e do agir, ou seja, não é só movimento de idéias, mas idéias em movimento. A aula constitui, também, o desvelar do novo, do imprevisto, que surge na própria ação e que faz da aula um ato de criação e expressão de valores científicos, estéticos e éticos do professor, dos alunos, de um tempo, de uma cultura.

O trabalho docente ético é aquele que é realizado conforme o que definimos, e seu resultado traz benefícios para o docente e para toda a sociedade. Por isso, devemos buscar a maior perfeição possível e a dignificação humana. Ao trabalharmos como docentes de ensino superior, na formação de profissionais, exercemos uma responsabilidade, que é individual e, ao mesmo tempo, social, pois, ao fazê-lo, somos geradores de seres humanos, que trazem consigo diversas conseqüências e resultados, os quais poderão ser benéficos ou maléficis.

Devemos levar em consideração, e jamais esquecermos, que nas mãos do professor universitário está a responsabilidade de formar médicos, arquitetos, psicólogos, pedagogos, advogados e uma lista imensa de outros profissionais, e ainda novos professores. Algumas vezes nos incomoda o continuísmo que vemos na falta de ânimo dos docentes em contribuir efetivamente para a formação desses profissionais. Esse círculo só terá fim quando o professor de hoje entender que está em suas mãos a chance de provocar uma mudança nos valores éticos nesses novos profissionais. cremos que essa conscientização se faz ainda mais necessária quando se trata de alunos da área de educação, que estão na universidade para se tornarem professores. Como esperar uma nova geração de educadores com postura ética, de atitudes louváveis de solidariedade, de humanidade, justiça, se, às vezes, o exemplo que têm na faculdade não condiz com esse anseio? É urgente a necessidade dos docentes do ensino superior atentarem para esse poder que detêm, o que possibilitará que contribuam na construção de professores detentores de conhecimento técnico e praticantes de ações corretas. Não é sem razão que, para ter acesso a esse território protegido e às vezes desconhecido, afirmamos que o docente precisa se mostrar como alguém realmente interessado em que o aprendizado aconteça, usando o diálogo como fonte de entendimento, que vai se construindo processualmente. Professor- educador, que ajuda a dar à luz aquilo que o estudante já traz dentro de si e que precisa apenas de mediações intencionalmente planejadas para que a construção do conhecimento se suceda e cresça tal qual uma espiral infindável.

O que possibilita ao docente um provável caminho de exercício de sua profissão, norteado pela ética, é a reflexão. O papel da reflexão é crucial como instrumento promotor do auto-desenvolvimento, pois é a reflexão que permite aos professores o desenvolvimento consciente e informado de revelações sobre sua prática, atingindo uma maior competência profissional e ética. Essa reflexão constante sobre a prática docente assume uma real importância quando verificamos que o papel do professor universitário, hoje em dia, não é apenas informar ou transmitir o saber, mas também formar e educar. Os professores funcionam como um ponto de referência para os alunos, assumindo, assim, um papel realmente de educadores. A dinâmica de mudança, que se torna premente e urgente, terá de ser pautada na reflexão e no diálogo, no qual os alunos, na sua grande maioria, não apenas alguns, serão induzidos e, em certa medida, forçados a aprender a pensar, a desenvolver elevadas capacidades de criticar suas ações, o que lhes possibilita fazer frente aos problemas que a vida lhes irá certamente colocar, dos modos mais variados e imprevistos.

Conforme afirmativa de Rios (1997)

É preciso pensar que o educador ético e competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, na qual saber e poder tenham equivalência enquanto elementos de interferência no real e na organização de relações de solidariedade, e não de dominação entre os homens. Uma visão clara, abrangente e profunda do papel que desempenha na sociedade permite ao educador uma atuação mais completa e coerente. A atitude crítica do docente sobre os meios e os fins de sua atuação o ajudará a caminhar mais seguramente na direção de seus objetivos.

Ao docente compete construir condições favoráveis para que a aprendizagem aconteça de maneira totalizadora - científica e ética - e, para tal, toda a criatividade é bem vinda, mesmo quando implique algumas transgressões ou reinterpretações das regras do jogo. Afinal, essas foram feitas por homens e serão mudadas por homens que rejeitem a inexorabilidade das coisas. O exemplo de condutas éticas pelo docente, concebido em bases que valorizem o alcance de competências e habilidades de alta complexidade, muito poderá ser útil aos futuros egressos da universidade. Dessa maneira, o aluno desenvolve a capacidade de processar leituras do mundo, devidamente circunstanciadas, em que se exercite a abstração, a reflexão, a dúvida sem culpa, em que os erros possam

também ser festejados, porque são necessários à vida, que se transforma e nos seduz diariamente. Arroyo (2000), com propriedade, reafirma a beleza da docência:

Trabalhar na educação é tratar de um dos ofícios mais perenes da formação humana, cujas práticas se orientam por saberes e artes aprendidas desde o berço da história cultural e social, e sensibilidades desenvolvidas ao longo dos tempos. Saberes teóricos, provenientes do conhecimento e da experiência, mas também, saberes ligados à percepção, à emoção e à ética, uma vez que o objeto do trabalho docente são seres humanos.

A contribuição dos professores é premente para preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo de maneira determinada e responsável. Os professores do ensino superior têm um papel determinante na formação de atitudes éticas positivas no alunado. A comissão Jacques Delors, no relatório para a UNESCO (2000), atribue a grande força dos professores no exemplo que dão, manifestando sua curiosidade e sua abertura de espírito, e mostrando-se prontos a sujeitar as suas hipóteses à prova dos fatos e até a reconhecer os próprios erros.

Rios (1997) observa que *frequentemente se percebe que os próprios educadores não têm clareza da dimensão política de seu trabalho*. Somente pela reflexão contínua da prática docente é que poderemos enxergar a firmeza de nossos próprios conceitos éticos, e assim articulá-los a nossa ação diária. E desta forma o docente poderá permanentemente transformar o processo social, o sistema educativo, procurando sempre um significado maior para o seu trabalho e para a vida. Castanho (2002) chama atenção para o fato de que o professor é o principal ator na situação universitária, é um sujeito histórico, vive num contexto social e político que deve ser levado em conta para que se entendam suas ações. E prossegue afirmando que urge pensar numa nova forma de ensinar e aprender, que inclua a ousadia de inovar as práticas de sala de aula, de trilhar caminhos inseguros, expondo-se, correndo riscos, não se apegando ao poder docente, com medo de dividi-lo com os alunos e também de desvencilhar-se da racionalidade única e pôr em ação outras habilidades que não as cognitivas apenas. Pensar-se como participante do desvelamento do mundo e da construção de regras para viver com mais sabedoria e com mais prazer.

Numa síntese, Nalini (1999) indica sabiamente alguns passos ao docente para uma prática norteada pela ética: constantemente realizar um exame de consciência, rever sua escala de valores, pautar-se pelos valores reais, aferir objetivamente a observância desses

valores, não transigir com os deslizes éticos, estudar ética e reconhecer a urgência no retorno à vida ética.

Todas estas reflexões podem ser insuficientes para salvar o mundo. Mas, com certeza, o seu mundo estará salvo, aquele espaço físico e temporal em que se desenvolve a sua personalidade, e em cuja transformação qualitativa depende exclusivamente de sua vontade. Vontade exercida *pari passu*, e que influenciará a mudança do mundo das pessoas ao seu redor. *Todo longo caminhar inicia-se com o primeiro passo...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda (org.). *Formação de professores - Pensar e fazer*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (coleção questões de nossa época.)
- ARROYO, M. G. *Ofício de mestre - Imagens e auto imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (coleção primeiros passos)
- CASTANHO, Maria Eugênia L.M.; VEIGA, Ilma Passos A. (Orgs.). *Pedagogia Universitária - A aula em foco*. 3ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- DEMO, Pedro. *Conhecimento Moderno - Sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 5 ed. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2001.
- NALINI, José Renato. *Ética geral e profissional*. 2 ed. São Paulo: RT Didáticos, 1999.
- RODRIGUES, Carla e SOUZA, Hebert de. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994 (coleção polêmica)
- RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1997. (coleção questões de nossa época)
- UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 4 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.
- VÁZQUES, Adolfo Sánchez. *Ética*. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.